OPINIÃO SOCIALISTA

O JORNAL DO PSTU
Ano IX - Edição 241
colaboração R$ 2
De 17 a 23/11/2005

Cai a máscara do imperialismo "com face humana"

O peso da imigração no proletariado europeu

A instabilidade crescente no velho continente

POR QUE ARDE A FRANÇA?

Páginas 3, 6 e 7

VINICIUS DE MORAES: O POETA DO SAMBA, DA BOEMIA E DA PAIXÃO

Página 9

A JUVENTUDE DIANTE DO DISCURSO DO "APARTIDARISMO"

Páginas 10 e 11

ZUMBI E JOÃO CÂNDIDO, EXEMPLOS DE LUTA DO POVO NEGRO

Página 12

CÚMULO *Segundo Ricardo Noblat, Aldo Rebelo trocou os quadros do gabinete. O "comunista" pôs um de Duque de Caxias ao lado do de Zumbi. E no Mês da Consciência Negra...*

PÁGINA DOIS

COBRA VAI FUMAR *Um auxiliar comentou com Lula sobre a França ter decretado estado de emergência para conter a revolta: "Ainda bem que nossa jibóia está adormecida".*

VOLTA PRA CASA!

Uma pesquisa informa que 76% dos chilenos querem que o ex-presidente peruano Alberto Fujimori, detido em Santiago do Chile, seja extraditado para seu país de origem. A Justiça peruana trabalha na elaboração da solicitação de extradição, correspondente aos 22 processos abertos contra o ex-presidente do país por delitos de corrupção e violações aos direitos humanos, entre outros. Fujimori fugiu do Peru para não ser preso pelos crimes.

MELHOR QUE A ENCOMENDA

De janeiro de 2003 a setembro de 2005, o governo Lula pagou mais juros da dívida externa que FHC nos seus dois mandatos. Foram R$ 299,4 bilhões destinados a rechear os bolsos dos grandes especuladores. No primeiro mandato do tucano, R$ 197,4 bilhões foram para o ralo com a dívida. Já no segundo governo, foram mais de R$ 268 bilhões.

Lula tinha razão, seu governo seria melhor que o de Fernando Henrique. Só se esqueceu de dizer para quem.

CHARGE

MOÇA DO TEMPO *Imagem que circula pela internet mostra apresentadora de tv francesa preocupada com o aumento da temperatura no país.*

PÉROLA

"Parecia honesto"

JOSÉ SARAMAGO, *escritor. Foi assim que ele expressou sua decepção com o presidente Lula e o Partido dos Trabalhadores, em declaração dada, no dia 13 de novembro, ao jornal peruano "El Comercio".*

BOLHACHA DA DISCÓRDIA

O deputado envolvido no esquema do mensalão, Sandro Mabel (PL-GO), foi absolvido pelo plenário da Câmara. Na tribuna, Babá e Luciana Genro, do P-SOL, afirmaram que o partido era favorável à condenação do parlamentar. No entanto, não explicaram por que os deputados de seu partido, Chico Alencar e Orlando Fantazzini, membros do Conselho de Ética, aprovaram o relatório que inocentava Mabel.

UM NÃO BEIJO BILIONÁRIO 1

Como afirmamos na última edição, a história do beijo que nunca rolou na novela América foi uma armação feita sob medida para a Globo ganhar audiência e engordar seus lucros. Apostando na expectativa criada, o mercado publicitário aceitou pagar R$ 300 mil para cada 30 segundos de propaganda (normalmente, são "só" R$ 250 mil). A procura foi tanta que a emissora ampliou o tempo destinado para os comerciais de 15 para 20 minutos.

UM NÃO BEIJO BILIONÁRIO 2

É só fazer as contas: somente com isso, a Globo faturou R$ 1,2 bilhão. Enquanto isso, os protestos continuam. Depois de um beijaço promovido por 300 ativistas na frente do Congresso, no dia 8, organizações de gays e lésbicas do país inteiro estão programando manifestações contra a censura.

VÍTIMA DO PT

O ambientalista Francisco Anselmo de Barros morreu depois que ateou fogo ao próprio corpo, durante protesto em Campo Grande (MS) contra a instalação de usinas de álcool na bacia do Pantanal. Militante ecológico desde 1980, Barros queria chamar a atenção para a tentativa do governo de Zeca do PT de aprovar um projeto de lei para permitir usinas na bacia do Pantanal, proibidas por lei desde 1982. Caso o projeto seja aprovado, a biodiversidade da região estará seriamente comprometida. Ele deixou cartas criticando também a transposição do Rio São Francisco do governo Lula.

ATO SOBRE TROTSKY REÚNE 700

Na noite do dia 10, o teatro Tuca, na PUC de São Paulo, foi palco de um ato histórico. Convocados pelo **PSTU**, *mais de 700 pessoas reuniram-se para lembrar os 65 anos da morte de Leon Trotsky. O teatro foi escolhido pelo seu significado – sob a ditadura, foi local de reuniões, atos e peças e, até hoje, preserva nas paredes a marca de um incêndio criminoso.*

O evento começou com um documentário. Muitas delegações ainda chegavam, de cidades vizinhas e das diversas regiões. Após o filme, iniciou-se a palestra com Martín Hernández, editor da revista "Marxismo Vivo", sobre a restauração do capitalismo no Leste Europeu. Na palestra, que contou com tradução simultânea, Martín afirmou que o capitalismo foi restaurado antes dos acontecimentos da queda do muro, e seu retorno foi feito pelas mãos da burocracia, em nome do socialismo. A ação das massas, portanto, dá-se contra as conseqüências da restauração e o regime dos burocratas. Ao contrário dos que enxergam apenas derrotas, Martín aponta uma grande vitória: o fim do maior aparato contra-revolucionário da História, o stalinismo.

Depois abriu-se para perguntas e as saudações das diversas organizações trotskistas presentes, como LER, LBI, POM, e **PSTU** *e* **LIT**. *No final, todos cantaram o hino da Internacional Socialista.*

FOTO LENE LOBO

Martín Hernández. Na foto, cartaz vendido no ato

WWW.PSTU.ORG.BR

Veja a galeria de fotos do evento e baixe o texto de Mártin Hernández sobre a restauração na ex-urss

WWW.PSTU.ORG.BR

LEIA ESTA SEMANA

<INTERNACIONAL>

Veja como foi o bate-papo com "Mancha" sobre os atos em Mar del Plata

Venezuela: os resultados da "Abertura Petroleira"

Os planos do império e o papel da PDVSA

<CULTURA>

Manderlay: a segunda parada de Lars na Terra das Oportunidades

Grito do Povo. A arquitetura da revolta das ruas de Paris nos quadrinhos

<JUVENTUDE>

Estudantes da Ufal e da UnB ocupam reitorias

Um zero ao Enade e à reforma Universitária

<NACIONAL>

Acusados da morte de Dorothy Stang têm recursos negados e vão a júri popular

EXPEDIENTE

OPINIÃO SOCIALISTA
é uma publicação semanal do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado
CNPJ 73.282.907/0001-64 - Atividade principal 91.92-8-00

CORRESPONDÊNCIA
Rua Humaitá, 476 - Bela Vista - São Paulo - SP CEP 01321-010
Fax: (11) 3105-6316 e-mail: *opiniao@pstu.org.br*

CONSELHO EDITORIAL Bernardo Cerdeira, Cyro Garcia, Concha Menezes, Dirceu Travesso, João Ricardo Soares, Joaquim Magalhães, José Maria de Almeida, Luiz Carlos Prates "Mancha", Nando Poeta, Paulo Aguena e Valério Arcary **EDITOR** Eduardo Almeida Neto **JORNALISTA RESPONSÁVEL** Mariúcha Fontana (MTb14555) **REDAÇÃO** Diego Cruz, Jeferson Choma, Wilson H. Silva, Yara Fernandes **REVISÃO** Maria Lucia F. C. Bierrenbach **PROJETO GRÁFICO E CAPA** Gustavo Sixel **DIAGRAMAÇÃO** Gustavo Sixel e Mônica Biasi **IMPRESSÃO** Gráfica Lance (11) 3856-1356 **ASSINATURAS** (11) 3105-6316 *assinaturas@pstu.org.br - www.pstu.org.br/assinaturas*

ENDEREÇOS

SEDE NACIONAL

Rua Humaitá, 476
Bela Vista - São Paulo (SP)
CEP 01321-010 - (11) 3105-6316

www.pstu.org.br
www.litci.org

pstu@pstu.org.br
opiniao@pstu.org.br
assinaturas@pstu.org.br
sindical@pstu.org.br
juventude@pstu.org.br
lutamulher@pstu.org.br
gayslesb@pstu.org.br
racaeclasse@pstu.org.br
livraria@pstu.org.br
internacional@pstu.org.br

ALAGOAS

MACEIÓ - Rua A-41, Quadra B5, 258 Bairro Graciliano Ramos - Maceió - AL (82)9903.1709 (81)9101.5404 *maceio@pstu.org.br*

AMAPÁ

MACAPÁ - Rua Guanabara, 504 - Pacoval (96) 225-4549 *macapa@pstu.org.br*

AMAZONAS

MANAUS - R. Luiz Antony, 823, Centro (92) 234-7093 *manaus@pstu.org.br*

BAHIA

SALVADOR - R.Fonte do Gravatá, 36, Nazaré (71) 321-3632 *salvador@pstu.org.br*
ALAGOINHAS - R. 13 de Maio, 42 Centro
IPIAÚ - Av. Lauro de Freitas, 282, Centro
VITÓRIA DA CONQUISTA - Rua C, Quadra C, 27 - Morada do Bem Querer - Candeias *www.pstu.org.br/conquista*

CEARÁ

FORTALEZA *fortaleza@pstu.org.br*
CENTRO -Av. Carapinima, 1700, Benfica (82) 254-4727 www.pstufortaleza.org
MARACANAÚ -Rua 1, 229 - Conjunto Jereissati 1
JUAZEIRO DO NORTE - Rua Padre Cícero, 985, Centro

DISTRITO FEDERAL

BRASÍLIA - Setor de Diversões Sul - CONIC - Edifício Venâncio V, sala 506. Asa Sul - Brasília - DF *brasilia@pstu.org.br*

ESPÍRITO SANTO

VITÓRIA - *vitoria@pstu.org.br*

GOIÁS

FORMOSA - Av. Valeriano de Castro, nº 231, Centro - (61) 631-7368
GOIÂNIA - R. 70, 715, 1º and./sl. 4 (Esquina com Av. Independência) (62) 9244-9090 *goiania@pstu.org.br*

MARANHÃO

SÃO LUÍS - (98) 3245-8996 / 3258-0550 *saoluis@pstu.org.br*

MATO GROSSO

CUIABÁ - Av. Couto Magalhães, 165, Jd. Leblon (65) 9956-2942

MATO GROSSO DO SUL

CAMPO GRANDE - Av. América, 921 Vila Planalto (67) 384-0144 *campogrande@pstu.org.br*

MINAS GERAIS

BELO HORIZONTE *bh@pstu.org.br*
CENTRO - Rua da Bahia, 504/ 603 - Centro (31) 3201-0736
BETIM - R. Inconfidência, sl 205 Centro
CONTAGEM - Rua França, 532/202 - Eldorado - (31) 3352-8724
JUIZ DE FORA juizdefora@pstu.org.br
UBERABA R. Tristão de Castro, 127 - (34) 3312-5629 – *uberaba@pstu.org.br*
UBERLÂNDIA - R. Ipiranga, 62 - Cazeca

PARÁ

BELÉM *belem@pstu.org.br*
Tv. do Vileta, 2.519 - (91) 226-3377
ICOARACI - R. Pe. Júlio Maria, 403/1 (91) 227-8869 / 247-7058
CAMETÁ - Tv. Maxparijós, 1195, B. Novo
RONDON DO PARÁ - R. Ayrton Senna, 147 (94) 326-3004
SÃO FRANCISCO DO PARÁ - Rod. PA-320, s/nº (ao lado da Câmara) (91) 96172944

PARAÍBA

JOÃO PESSOA - R. Almeida Barreto, 391, 1º andar - Centro (83) 241-2368 - *joaopessoa@pstu.org.br*

PARANÁ

CURITIBA - R. Alfredo Buffren, 29 sl. 4

PERNAMBUCO

RECIFE -Rua Leão Coroado, 20/1º andar, Boa Vista (81) 3222-2549 *recife@pstu.org.br*

PIAUÍ

TERESINA - Rua Quintino Bocaiúva, 778

RIO DE JANEIRO

RIO DE JANEIRO *rio@pstu.org.br* (21) 2232-9458
LAPA - Rua da Lapa, 180 - sobreloja
DUQUE DE CAXIAS - Rua das Pedras, 66/01, Centro
NITERÓI - *niteroi@pstu.org.br*
NOVA FRIBURGO - Rua Guarani, 62 - Cordueira (24) 2533-3522
NOVA IGUAÇU - Rua Cel Carlos de Matos, 45 - Centro *novaiguacu@pstu.org.br*
SÃO GONÇALO - Rua Ary Parreiras, 2411 sala 102 - Paraíso (próximo a FFP/UERJ)
SUL FLUMINENSE *sulfluminense@pstu.org.br*
BARRA MANSA - Rua Dr Abelardo de Oliveira, 244 Centro (24) 3322-0112
VALENÇA - Pça Visc.do Rio Preto, 362/402, Centro (24) 3352-2312
VOLTA REDONDA Av. Paulo de Frontim, 128- sala 301 Bairro Aterrado
NORTE FLUMINENSE *nortefluminense@pstu.org.br*

RIO GRANDE DO NORTE

NATAL
CIDADE ALTA - R. Dr. Heitor Carrilho, 70 (84) 201-1558
ZONA NORTE - Rua Campo Maior, 16 Centro Comercial do Panatis II

RIO GRANDE DO SUL

PORTO ALEGRE *portoalegre@pstu.org.br*
CENTRO - R. General Portinho, 243 (51) 3286-3607 / 3024-3486 / 3024-3409
ZONA NORTE - Av. Baltazar de Oliveira Garcia, 2669 Sala 205 (Esquina com Manoel Elias) - (51) 3024-3419
BAGÉ - (53) 241-7718
CAXIAS DO SUL - (54) 9999-0002
GRAVATAÍ - Av. Dorival Cândido Luz de Oliveira, 6330 - Parada 63 - (ao lado do Snek Beer)
PASSO FUNDO - (54) 9982-0004
PELOTAS - (53) 9126-7673 *pelotas@pstu.org.br*
RIO GRANDE - (53) 9977-0097
SANTA MARIA - (55) 8116-2932, *santamaria@pstu.org.br*
SÃO LEOPOLDO - Rua João Neves da Fontoura,864, Centro. 591-0415

SANTA CATARINA

FLORIANÓPOLIS - Rua Nestor Passos, 104, Centro (48) 225-6831 *floripa@pstu.org.br*
CRICIÚMA - Rua Pasqual Meller, 299, Bairro Universitário

SÃO PAULO

SÃO PAULO *saopaulo@pstu.org.br*
CENTRO - R. Florêncio de Abreu, 248 - São Bento (11) 3313-5604
ZONA NORTE -Rua Rodolfo Bardela, 183 V. Brasilândia (11) 3925-8696
ZONA LESTE - R. Eduardo Prim Pedroso de Melo, 18 (próximo à Pça. do Forró) - São Miguel
ZONA SUL Santo Amaro – Av. João Dias, 1.500 - piso superior
BAURU - Rua Antonio Alves nº6-62 - Centro - (14) 227-0215 *bauru@pstu.org.br* *www.pstubauru.ig.com.br*
CAMPINAS - R. Marechal Deodoro, 786 (19) 3235-2867 *campinas@pstu.org.br*
CAMPOS DO JORDÃO - Av. Frei Orestes Girard, 371, sala 6 - Bairro Abernéssia (12) 3664-2998
FRANCO DA ROCHA - R. Washington Luiz, 43, Centro
GUARULHOS *guarulhos@pstu.org.br*
Av. Esperança, 705 casa 2 Vila Progresso (11) 6441-0253
Av. João Veloso, 200 - Cumbica (11) 3436-8887
JACAREÍ - R. Luiz Simon,386 - Centro (12) 3953-6122
LORENA -Pça Mal Mallet, 23/1 - Centro
MOGI DAS CRUZES - Rua Engenheiro Gualberto, 53 - Centro - (11) 4796-8630 *www.pstu.org.br/altotiete*
RIBEIRÃO PRETO Rua Paraíso, 1011, Térreo - Vila Tibério (16) 3637-7242 *ribeiraopreto@pstu.org.br*
SANTO ANDRÉ -Rua Oliveira Lima, 279 sala 5 - 2º andar
SÃO BERNARDO DO CAMPO - R. Mal. Deodoro, 2261 - Centro (11) 4339.7186 *saobernardo@pstu.org.br*
SÃO JOSÉ DOS CAMPOS *sjc@pstu.org.br*
VILA MARIA - R. Mário Galvão, 189 (12)3941.2845
ZONA SUL - Rua Brumado, 169 - Vale do Sol
SOROCABA - Rua Prof. Maria de Almeida, 498 - Vila Carvalho (15)3211.1767 *sorocaba@pstu.org.br*
SUMARÉ -Av. Principal, 571 - Jd. Picemo I
SUZANO *suzano@pstu.org.br*
TAUBATÉ - Rua D. Chiquinha de Mattos, 142/ sala 113 - Centro

SERGIPE

ARACAJU - Av. Gasoduto / Francisco José da Fonseca, 1538-b Cjto. Orlando Dantas (79) 3251-3530 *aracaju@pstu.org.br*

EDITORIAL

LUTAR CONTRA TODOS OS IMPERIALISMOS

Os ativistas do movimento sindical e da juventude devem refletir neste momento sobre as experiências trazidas pela situação internacional. As mudanças indicam que o repúdio ao imperialismo cresce em todo o mundo.

Já estava claro que o sentimento antiimperialista persegue Bush aonde quer que ele vá. Foi assim em Mar del Plata, no Brasil, será assim em qualquer lugar do planeta. Os dados também indicam que existe uma crise política crescente nos EUA, com derrotas sucessivas de Bush, que tem apoio popular de apenas 36% da população.

Agora, a rebelião da juventude de origem imigrante na França explicita a crise que também atinge a Europa. O imperialismo europeu tira a máscara, e aparece um rosto tão inumano e ditatorial como o de Bush.

Os metalúrgicos brasileiros, que trabalham na Volkswagen alemã, ou na Fiat italiana, sabem que a exploração imperialista é a mesma que a da Ford norte-americana.

Vemos agora o imperialismo não só tão ameaçador de um lado ou de outro do oceano, como também, que a resistência a ele está aumentando em todo o mundo. A crise política do neoliberalismo vai se alastrando, apesar da continuidade do crescimento econômico.

Isto é muito importante porque, aqui no Brasil, tanto o governo petista como a oposição burguesa são defensores do neoliberalismo e da submissão ao imperialismo, tanto do norte-americano como do europeu. A polarização social e política que se vê na situação dos países imperialistas provavelmente chegará ao Brasil.

O governo petista inspirou-se na social-democracia européia, que foi parte fundamental da aplicação dos planos neoliberais no continente. Comentando com Lula a aplicação das medidas repressivas pelo governo francês para tentar conter as mobilizações, um de seus assessores saiu-se com essa: "Ainda bem que a nossa jibóia está adormecida". Referia-se a que, felizmente para o governo, não existiam grandes mobilizações agora.

Mas, infelizmente para o governo petista, felizmente para todos os que lutam contra o imperialismo, essa polarização, que começamos a ver com freqüência em todo o mundo, vai acabar despertando as lutas.

Será a hora de apontar para uma alternativa aos trabalhadores, independente tanto do bloco governista como da oposição burguesa, ambos pró-imperialistas. A luta contra a Alca, pela ruptura com o plano econômico do governo e do FMI, o não pagamento da dívida, e a retirada das tropas brasileiras do Haiti são as nossas bandeiras antiimperialistas.

OPINIÃO

Declaração sobre os motins na França

Leia abaixo trechos da declaração do *Grupo Socialista Internacionalista* (seção francesa da LIT-QI) sobre os acontecimentos na França

Em 10 dias, mais de 300 cidades foram atingidas com 4.900 veículos queimados e escolas, ginásios, armazéns e lojas foram destruídos. Foram contabilizados dezenas de feridos e mais de 1.500 presos, com centenas de condenações expeditivas.

Tudo começou em 1983, quando a "esquerda", recém-chegada no poder, se juntou vergonhosamente ao social-liberalismo e se dedicou a implementar uma política que levou o primeiro-ministro Jospin a privatizar mais do que seus antecessores de direita, Balladur e Juppé. O PS deu seu apoio à adoção do Tratado de Maastrich que fez de todos os trabalhadores de toda a Europa os reféns da política de liberalização da economia e do mercado de trabalho, uma política de "deflação competitiva", quer dizer salários sempre mais baixos, empregos sempre mais precários, serviços públicos privatizados e proteção social desmantelada: é o triunfo da miséria.

Villepin seguiu a escola de Chirac: começou com uma declaração hipócrita sobre o "modelo social" e, logo depois, cinco decretos que o destroem! Ele teve como alvo a destruição das conquistas históricas da classe operária e da juventude: código do trabalho, convenções coletivas, estatuto da função pública e serviços públicos no seu conjunto. Nada foi poupado: escolas, hospitais, serviços sociais, etc.

Ante a violência desses ataques, como podemos estranhar a reação da classe operária e da juventude quando os supostos partidos de esquerda, que deveriam defender os interesses dos próprios trabalhadores e da juventude, já abandonaram sua responsabilidade ou foram à falência?

E QUAIS AS RESPOSTAS DO GOVERNO?

Da mesma maneira que, em 29 de maio, depois da rejeição da Constituição européia, hoje o governo responde com uma repressão reforçada e com a instalação do estado de emergência, com base em um texto de 1955, que se chama "Lei de instituição de um estado de emergência e que declara sua aplicação na Argélia" (...) Uma lei marcada pela desigualdade e a opressão! (...) Com essa política, o governo prepara-se para enfrentar outras explosões inevitáveis do movimento operário e da juventude. Lança assim um balão de ensaio, com todos os meios necessários para a repressão.

E A ESQUERDA?

Será que podemos esperar alguma coisa da política defendida pela suposta esquerda, que se limita há 25 anos a um "tratamento social" do desemprego e chega hoje a aprovar a instauração do estado de emergência? É com muita reticência que a esquerda e as organizações sindicais comentam as medidas brutais do governo, como se elas aprovassem que esse setor da juventude seja tratado, de forma particular, como animais!

Os trabalhadores e a juventude só podem contar com eles próprios e devem se organizar em função disso. Perante a brutalidade da política do governo Chirac-Villepin-Sarkozy, outras explosões são inevitáveis.

Vamos trabalhar numa unidade de ação para construir o instrumento necessário, o partido operário independente, para dirigir a ira de toda a classe operária e a juventude contra o patronato e os governos de direita e de esquerda às suas ordens.

✓ Não à "ditadura democrática" do governo e do patronato!
✓ Não ao estado de exceção!
✓ Fim de todas as medidas do estado de emergência!
✓ Libertação de todos os jovens, com ou sem título de permanência!
✓ Suspensão dos processos!
✓ Não as expulsões!
✓ É o governo Sarkozy-Chirac-Villepin que temos que demitir!
✓ Para um verdadeiro diploma, um verdadeiro trabalho, um verdadeiro salário!

NOVE MESES DE SOFRIMENTO E RESISTÊNCIA EM GOIÂNIA

EM FEVEREIRO DESTE ANO, Pedro Nascimento Silva e Wagner da Silva Moreira foram mortos pela polícia de Goiás, em uma violenta ação que despejou mais de 3 mil famílias da Ocupação Sonho Real, no Setor Parque Oeste Industrial. Depois de despejados, os sem-teto ficaram alguns meses em ginásios e agora estão acampados em um terreno provisório. Nestes nove meses, outras 12 pessoas morreram, em sua maioria crianças e idosos

FOTO INDYMEDIA BRASIL

Barracos improvisados em Goiânia

***GIBRAN JORDÃO**, de Goiânia (GO)*

Durante o dia, sob as barracas de lona, o calor é insuportável. Debaixo delas, resistem cerca de 1.200 famílias, a espera de uma solução. Agora que a chuva chegou com força, a maioria dos barracos vive desabando e, a cada tempestade, é preciso erguê-los novamente. Só em uma única semana, a chuva forte danificou cerca de 450 barracos.

As condições miseráveis no setor Grajaú, em Goiânia, impressionam. Esgoto a céu aberto, animais peçonhentos, muitas pessoas doentes, com casos de meningite, hepatite e de tuberculose. Nesta situação, estão 700 crianças, de até 5 anos, sendo que 80 já sofreram ou estão sofrendo com desnutrição e desidratação. Um bebê de nove meses, que nasceu pouco antes da ação da polícia, faleceu no fim do mês passado, em decorrência das péssimas condições em que vivia, com os pais e sete irmãos.

Caminhando pelo acampamento, a impressão que se tem é a de que o prefeito Íris Resende (PMDB) e o governador Marconi Perillo (PSDB) instalaram ali um sinistro jogo de vida e morte, oferecendo aos sem-teto a possibilidade de desistir ou simplesmente sucumbir diante das doenças.

PELA METADE

Só agora, depois de toda esta espera, os dois governos estão comprando um terreno definitivo para alojar os sem-teto, que perderam todos os seus pertences com a "Operação Triunfo", da PM goiana. Ainda assim, só autorizam o assentamento de 1.900 famílias, e, somando as que estão nas barracas de lona e as que esperam de favor na casa de amigos e parentes, o número total chega a 3 mil famílias.

Os dois governantes agem a favor dos latifundiários da soja, que expulsam a população para as grandes cidades, e dos especuladores do mercado imobiliário, que sobrevivem como parasitas do crescimento desordenado. Os dois negam-se a discutir com o movimento dos sem-teto uma solução que atenda o conjunto das famílias.

REPRESSÃO

No dia 26 de outubro, pouco antes da divulgação da lista com as famílias que seriam atendidas, foram presos dois sem-teto, Josuel Pereira Feitosa e Américo Novaes. Os dois são acusados de "coagirem testemunhas" nas investigações sobre os tiros que acertaram um policial, durante a desocupação. Novaes, o principal dirigente da ocupação, foi preso quando levava sua filha para a escola e foi libertado depois de uma intensa campanha de solidariedade. Enquanto isso, as investigações sobre a enorme repressão policial, que assassinou dois jovens, deixou um sem-teto paraplégico e deteve 800 pessoas, simplesmente não avançam.

SEM-TETO DO PINHEIRINHO RESISTEM EM TERRENO DO ESPECULADOR NAJI NAHAS

***JOCILENE CHAGAS**, de São José dos Campos (SP)*

Há quase dois anos em um terreno de mais de 1 milhão de hectares, os sem-teto da ocupação do Pinheirinho, em São José dos Campos (SP), são um exemplo de luta e resistência. O terreno do megaespeculador Naji Nahas foi ocupado em fevereiro de 2004, após estar abandonado há 30 anos. Até agora, as 1.200 famílias, das quais 2.500 são crianças, mantêm-se no local com uma liminar. Mas, como se não bastasse a constante ameaça de ter que deixar o local, no fim de outubro, as empresas Eletropaulo e Sabesp recorreram à Justiça para impedir que os moradores usassem água e luz que essas companhias fornecem. A tropa de choque montou uma megaoperação, até com helicóptero, mas uma liminar deteve o corte.
Segundo Valdir Martins, o "Marrom", do Movimento Urbano dos Sem-Teto (MUST), além das iniciativas na Justiça, a intenção é intensificar a campanha de solidariedade e em defesa da ocupação.

OCUPAÇÃO CHICO MENDES ENFRENTA PREFEITURA E GOVERNO ALCKMIN

DA REDAÇÃO

No dia 1º de outubro, cerca de 300 famílias ocuparam um terreno abandonado de 80 mil m², no Jardim Helena, em Taboão da Serra (SP), organizadas pelo MTST (Movimento de Trabalhadores Sem-Teto). Os donos do terreno possuem uma dívida milionária com a prefeitura.
De lá pra cá, centenas de famílias somaram-se e têm protagonizado diversos atos pelo direito à moradia. No dia 30, um grande ato cultural comemorou o primeiro mês da ocupação, que recebeu o nome de Chico Mendes. Neste feriado prolongado, a ocupação era palco de um festival de rap e de outras atrações, como bonecos mamulengos e exibição de vídeos.

FOTO MTST

Ato no dia 30, na ocupação

Os sem-teto já realizaram diversos protestos de rua. No dia 25 de outubro, fizeram uma passeata e acamparam em frente à prefeitura de Taboão. Foram atacados pela tropa de choque, com gás pimenta. Lá dentro, um grupo escutou do secretário de Negócios Jurídicos, Toninho do PT, a ameaça de que entraria com recurso para agilizar a reintegração de posse da área ocupada.
No dia 10, mil pessoas caminharam até o Palácio dos Bandeirantes, buscando uma audiência com o governador Geraldo Alckmin (PSDB). Mas a enrolação tucana é a mesma. Os sem-teto foram recebidos apenas por auxiliares e saíram com a promessa de um encontro em dez dias. Neste momento, é fundamental a solidariedade à ocupação.

VERBAS PARA O SETOR DIMINUIRÃO EM 2006

GUSTAVO SIXEL, *da redação*

No Brasil, 82 milhões de pessoas vivem sem esgoto e 43 milhões sem água potável. Segundo o próprio Ministério das Cidades, o déficit habitacional atinge 7.223 milhões de casas, a maior parte no Nordeste e no Sudeste do país. São esses os números que explicam por que, após o início de cada ocupação, centenas de famílias unem-se imediatamente a ela.

O governo, contudo, permanece sem enxergar essas áreas como prioridades. A maior prova está no Orçamento para 2006, que deverá ir ao plenário do Congresso em dezembro. A proposta parte da previsão de um crescimento maior do país, com o Produto Interno Bruto (PIB) aumentando 4,5%, contra os 3,4% apontados para 2005. Ainda assim, as verbas diminuem.

Segundo o Fórum Brasil do Orçamento, composto por 45 entidades, entre elas o Unafisco Sindical, a área de Habitação dispõe de apenas R$ 561,4 milhões na proposta orçamentária de 2006. Em 2005, o valor era de R$ 721,6 milhões, e, até o início de outubro, nem 30% desse valor havia sido usado, o que, com certeza, ajudou o governo a atingir a meta do superávit primário três meses antes. Ao reduzir verbas e não usar o pouco destinado, a situação de famílias como as de Goiás só faz piorar.

Para 2006, o governo seguirá priorizando o lucro de banqueiros e agiotas internacionais. Manteve a mesma meta para o superávit (4,25% do PIB) e, segundo a *Agência Notícias do Planalto*, destinou quase metade do Orçamento para pagar juros das dívidas externa e interna. Devem ser gastos R$ 835 bilhões, 49,73% de todos os gastos de 2006.

GOVERNO FRAGILIZADO AMARGA SUCESSÃO DE DERROTAS

PLANALTO é obrigado a rifar Palocci, mas Lula garante pessoalmente a continuidade da política neoliberal

Depois da dispendiosa vitória do governo na eleição da presidência da Câmara dos Deputados, que teria custado mais de R$ 1,5 bilhão em emendas, vislumbrava-se uma contra-ofensiva do Planalto para debelar de vez a crise. No entanto, a dinâmica própria adquirida pela crise mostrou, na última semana, que as dificuldades do governo estão longe de terminar. Mais ainda, a profundidade das denúncias tornam-se cada vez mais perigosas tanto para Lula quanto para a própria oposição de direita.

O calvário do governo amargou-se ainda mais com a contundente derrota na fracassada tentativa de impedir a prorrogação da CPI dos Correios. A intenção do governo era colocar um ponto final na crise política no fim de 2005 e dedicar todo o próximo ano para tentar reeleger Lula.

MAIS CINCO MESES DE DESGASTE

Ao que tudo indica, Lula vai enfrentar mais alguns meses de fogo cerrado. O dia 10 de novembro foi a data-limite para a prorrogação da CPI dos Correios, que terminaria no dia 11 de dezembro. A prorrogação defendida pela oposição estenderia o funcionamento da Comissão até 11 de abril. Para a medida ser aprovada pelo Congresso, necessitaria de pelo menos um terço dos votos da Câmara (171 deputados) e um terço do Senado (27 senadores).

A oposição de direita afirmou ter mais assinaturas do que o necessário para aprovar a prorrogação das investigações, fazendo acender a luz vermelha dos governistas. O Planalto empreendeu então uma movimentação similar à realizada durante a eleição que deu a vitória a Aldo Rebelo (PCdoB) para a presidência da Câmara. No entanto, o escândalo provocado pelas negociações abertas naqueles dias fez o governo ser mais discreto agora. Os conchavos foram na surdina; mas com as sempre generosas promessas do Planalto.

HUMILHAÇÃO E DESMASCARAMENTO

Poucas horas antes de se fechar o prazo para assinar ou retirar assinaturas do pedido de prorrogação, a oposição contava com o apoio de 217 deputados e 32 senadores. O governo escancarou os cofres e esperou até o último momento para apresentar os pedidos de retiradas de assinaturas dos parlamentares comprados. O comando governista avaliou bem a situação: só apresentaria os pedidos de retirada de assinaturas se tivesse certeza que seriam suficientes para barrar a CPI. Caso contrário, os deputados e o próprio governo sofreriam um vergonhoso desgaste.

À meia-noite do dia 10, o governo apresentou as assinaturas e cantou vitória. Teria um voto a mais do que o necessário para deter as investigações. No entanto, na manhã seguinte, na recontagem dos votos, o governo sofreu uma de suas maiores humilhações. Faltava apenas mais uma assinatura para barrar a prorrogação da CPI. A oposição reuniu 171 assinaturas e garantiu a prorrogação até abril.

Contudo, longe de estarem comprometidos com a real apuração da corrupção, os partidos de direita como PSDB e PFL querem apenas estender o desgaste do governo para capitalizar eleitoralmente a crise. O acordão entre PT e PSDB, para não investigar e cassar o ex-líder tucano Azeredo, prova que a direita tem muito o que esconder e que é tão corrupta quanto o próprio governo.

Já o vexame do governo ocorre poucos dias após Lula dar uma entrevista ao programa *Roda Viva*, da TV Cultura, onde jurou que não iria pôr barreiras para o funcionamento das CPIs. A tragicômica atuação no caso mostrou que Lula mentiu, mais uma vez. Já os 66 deputados comprados pelo Planalto que retiraram suas assinaturas foram submetidos à execração pública e ajudaram a mostrar a ficção da divisão entre governistas e oposição de direita. Entre eles, figuram gente do dividido PMDB, dos manjados PTB e PL, e até mesmo da "oposição", como PFL e PDT.

PALOCCI PODE CAIR, MAS POLÍTICA ECONÔMICA NÃO

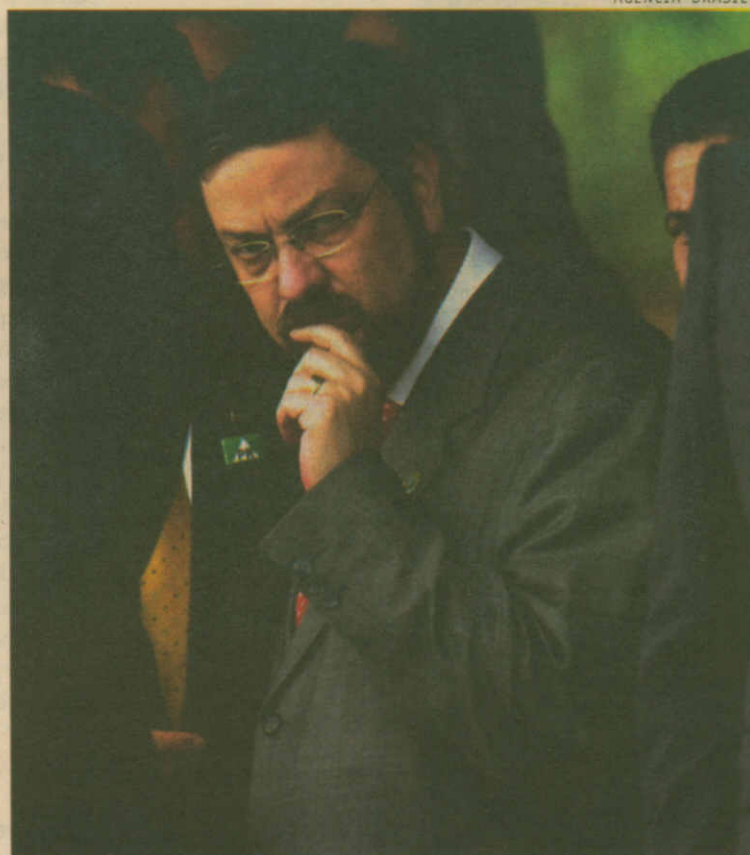
ESPECULADORES internacionais não temem 2006, pois não diferenciam PT do PSDB

A corda bamba em que se encontra o ministro da Fazenda, Antônio Palocci, demonstra que a crise ainda não está totalmente controlada pelo governo ou pela direita, e que novas surpresas podem vir. O ministro é, há algum tempo, alvo de uma série de denúncias sobre a corrupção de seus tempos de prefeito de Ribeirão Preto (SP). Na última semana, declarações da ministra-chefe da Casa Civil, Dilma Roussef, com críticas ao ultraliberalismo de Palocci, fizeram com que o ministro pedisse seu afastamento a Lula.

Rebaixado da condição de principal pilar do governo e sua política econômica neoliberal para ministro fritado, Palocci pode cair a qualquer momento. Certamente não era o que desejava a direita e muito menos o governo, mas hoje o ministro não se mostra mais insubstituível. Apesar de Lula tentar segurar Palocci até o último momento, já cogita a possibilidade um substituto, como o senador paulista Aloizio Mercadante (PT).

POLÍTICA NEOLIBERAL PERMANECE

A revista *Veja* desta semana expressa a preocupação de setores importantes da burguesia com a dança das cadeiras no Ministério da Fazenda. A revista, que lançou as denúncias dos "dólares cubanos", que teriam financiado a campanha de Lula, viu essas denúncias respingarem em Palocci por intermédio de Rogério Buratti. Para não restar dúvidas quanto à posição da revista, o editorial do panfleto da direita tece rasgados elogios a Palocci e manda um recado: caso não haja jeito de manter Palocci, a política econômica deve permanecer intocada.

O governo entendeu o recado e, em nota oficial, já afirmou que nada muda na condução da economia. *"Diante de boatos, o presidente da República reafirma que não estuda mudanças na política econômica que é de sua responsabilidade"*, afirma a nota do Planalto. Ou seja, com Palocci ou sem Palocci, Lula pessoalmente garante o prosseguimento de sua política neoliberal. Com relação à oposição de direita, a verdadeira disputa reduz-se à seguinte questão: quem, a partir de 2006, comandará a seqüência dessa mesma política?

AGÊNCIA BRASIL

SE NÃO FAZ DIFERENÇA, FORA TODOS!

Para Wall Street, a resposta para a pergunta acima é também muito simples: tanto faz. Durante um seminário promovido pela Câmara de Comércio Brasil–Estados Unidos, os analistas financeiros concluíram que tanto PT quanto PSDB estão profundamente comprometidos com a "estabilidade do mercado", ou seja, com as políticas neoliberais do FMI.

Como afirmou o diretor de mercados emergentes do banco Goldman & Sachs, Paulo Leme, à BBC, a única diferença das próximas eleições em relação às de 2002 é que *"hoje o Brasil já dispõe de reservas da ordem de US$ 50 bilhões, suficientes para financiar dois terços de seus compromissos em 2006"*. Para ele, Lula é ainda um ótimo candidato em razão de sua boa aprovação junto aos setores mais pauperizados.

Isso desmente a tese de alguns setores da esquerda, cada vez menos numerosos e mais desmoralizados, segundo a qual o enfraquecimento do governo Lula significaria a volta da direita e sua política e, conseqüentemente, uma derrota para os trabalhadores. Não admitem o que os próprios especuladores já admitiram: são todos iguais.

A FRANÇA EM CHAMAS

JEFFERSON CHOMA e EDUARDO ALMEIDA

O INCÊNDIO de veículos, prédios públicos e "tudo que lembre o governo e o Estado", como disse um jovem rebelde, nas periferias de Paris e principais cidades da França, impactou o mundo. O *Opinião Socialista* busca, aqui, discutir o que está por trás desses acontecimentos e o significado profundo da rebelião francesa

Villepin e Chirac

O FIM DO MITO DO IMPERIALISMO COM ROSTO HUMANO

A revolta teve início de maneira desordenada e foi se ampliando noite após noite. A maior parte dos manifestantes tem entre 14 e 20 anos, são descendentes de imigrantes sem acesso aos estudos e ao mercado de trabalho. Como num rastilho de pólvora, jovens, da Alemanha e da Bélgica, adotaram os mesmos métodos e também começaram a se manifestar.

A morte de dois adolescentes – filhos de imigrantes – eletrocutados ao entrar numa subestação de energia, ao fugir da polícia, foi apenas o estopim de uma latente revolta social contra a exclusão e descriminação vivida pelos imigrantes.

Para tentar conter a rebelião, o governo Chirac/Villepin/Sarkozy anunciou uma série de medidas de exceção. Utilizando uma lei de 50 anos atrás (adotada durante a guerra anticolonial da Argélia), decretaram o estado de emergência, que permite deter em prisão domiciliar, restringir a circulação de pessoas ou veículos, confiscar armas, fechar espaços públicos e decretar toque de recolher. Também proibiram reuniões e manifestações públicas que possam "resultar em desordens" na capital francesa.

Como se isso não bastasse, a França – dos direitos humanos e "referência mundial da cidadania" – resolveu deportar *"estrangeiros envolvidos em distúrbios"*. Sarkozy, o mesmo que chamou os imigrantes de *"gentalha"*, pediu que eles *"sejam expulsos imediatamente do território nacional, incluindo aqueles que têm permissão de residência"*.

A revolta dos descendentes dos imigrantes joga por terra o mito do "imperialismo civilizado". Já é bem conhecido o repúdio contra Bush, a cara mais visível do imperialismo, por representar a hegemonia dos EUA e sua política de guerra. Mas muitos seguiam acreditando que o imperialismo europeu é diferente, humano e civilizado. A miséria dos subúrbios de Paris e a repressão policial apoiada em uma lei colonial acabaram com o mito: imperialismo é imperialismo, seja com a estupidez de Bush, seja com a educação francesa.

NEOLIBERALISMO NA RAIZ DA REBELIÃO

Entre o fim dos anos 70 e o início dos 80, a Europa foi marcada pelo fim dos "trinta anos gloriosos"do *boom* econômico do pós-guerra. A crise do capitalismo na época fez com que a burguesia dos principais países capitalistas do velho continente iniciasse o desmonte do chamado "Estado do Bem-Estar Social", erguido depois da II Guerra Mundial, que fez imensas concessões à classe trabalhadora desses países para impedir que o ascenso revolucionário destruísse o capitalismo na Europa ocidental.

Mas a globalização iniciada nos anos 80 desencadeou uma enorme ofensiva contra as políticas de pleno emprego, seguridade social, subsídios públicos e crescimento salarial. Impôs-se ao velho continente um novo modelo de acumulação de capital: o neoliberalismo.

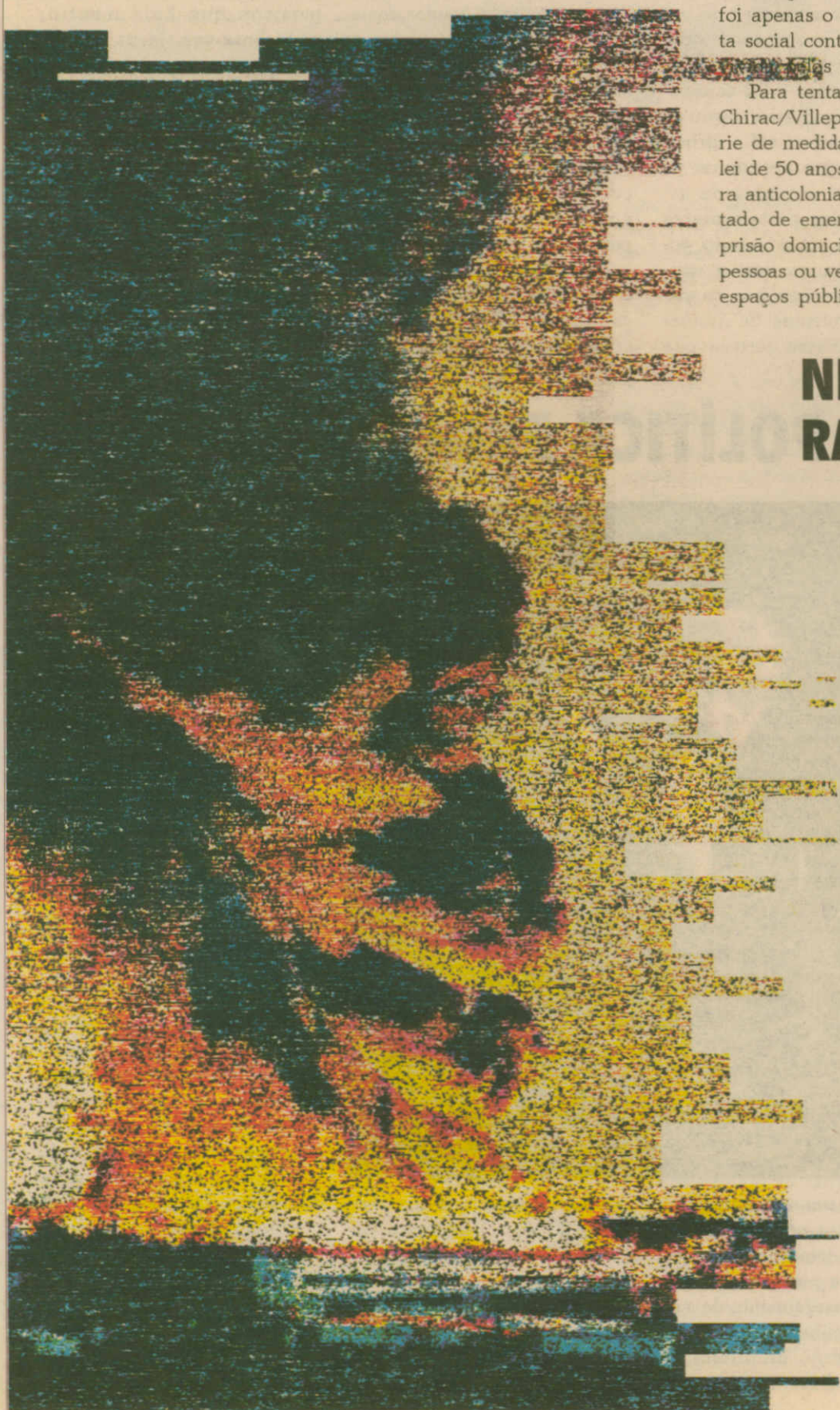
DESEMPREGO E ATAQUE A DIREITOS

Em novembro de 1993, houve um salto qualitativo da implementação dos planos neoliberais na Europa: entrou em vigor o Tratado de Maastrich, que marcou o surgimento da União Européia (UE). De lá pra cá, os governo dos países que fazem parte da UE implementaram planos de privatizações das estatais, reformas neoliberais na Previdência Social, flexibilização dos direitos trabalhistas, diminuição dos salários etc.

A taxa média de desemprego no continente é de 10%. O trabalho parcial, precário, passou de 13%, em 1985, para 18,2%, em 2002.

Com o fim das barreiras comerciais, iniciaram-se também as "deslocalizações", com a qual a burguesia européia transfere parte das fábricas para países onde os salários são bem inferiores e não há a menor proteção trabalhista, como China ou Leste europeu.

A globalização trouxe grandes alterações na formação da classe operária européia, tanto pelo rebaixamento salarial como pela precarização do trabalho. Uma parte fundamental da estabilidade política européia no pós-guerra era a perspectiva de ascensão social dos trabalhadores, beneficiados com as migalhas do *boom* econômico.

Hoje, com a globalização, ter um emprego não é garantia para escapar da pobreza, e o desemprego ameaça boa parte da juventude. A incerteza sobre o presente, a insegurança no futuro são partes do cotidiano do proletariado. Os primeiros a serem atingidos por esses ataques são os imigrantes, o setor mais explorado do proletariado europeu.

IMIGRANTES E O PROLETARIADO EUROPEU

Enganam-se os que acham que o que ocorreu na França é expressão de setores marginais. Ao contrário, a rebelião indica que a temperatura está aumentando rapidamente nos ambientes operários da França e, provavelmente, de vários outros países europeus.

Os imigrantes são componentes de peso do proletariado europeu, pauperizado e precarizado pela globalização.

A partir da década de 80, passou a haver uma imigração massiva, tanto dos países semicoloniais como do Leste europeu (por causa da restauração do capitalismo). Isso levou um fluxo impressionante de imigrantes aos países da Europa (atualmente com 56 milhões) e aos EUA (40,8 milhões), e uma parte deles entrou nesses países de maneira "ilegal", sem documentos (só na Europa, estimativas duvidosas falam em mais de 3 milhões).

Esse processo impressionante causou modificações no proletariado, a ponto dos imigrantes serem majoritários em alguns setores. Na Alemanha, existem 650 mil turcos, e as assembléias metalúrgicas são em duas línguas (alemão e turco). Na Espanha, a presença de marroquinos é maciça na construção civil. Na Itália, quase 3 milhões de imigrantes estão instalados em bairros como o Laurentino 38 de Roma, semelhante aos que explodiram nos subúrbios de Paris.

BARRIS DE PÓLVORA

Na França, existem cerca de 4,5 milhões de imigrantes, que constituem 11% da classe operária. O imperialismo tem uma postura dupla em relação aos imigrantes. Por um lado, necessita da imigração para assegurar o funcionamento de suas empresas. Por outro, para assegurar que essa mão-de-obra siga barata e dispensável, não aceita uma verdadeira integração, exatamente para que os imigrantes não tenham os mesmos direitos dos trabalhadores nascidos na Europa. Por isso, os mantém na ilegalidade ou semilegalidade, os deixa em guetos, sem verbas para saúde e educação etc.

Além disso, a burguesia utiliza os ataques aos imigrantes para dividir politicamente os trabalhadores. Esse papel cabe normalmente à ultradireita, com o discurso de que "os imigrantes ocupam os empregos". Desde a crise econômica de 2001, vêm sendo estabelecidas leis cada vez mais repressivas em relação aos imigrantes.

Os bairros que explodiram na França, são bairros operários. Os que saíram queimando carros são já franceses, descendentes de imigrantes, entre os quais o desemprego alcança 40%.

É preciso passar a incorporar na avaliação política da situação francesa, e de muitos dos países europeus, a existência de barris de pólvora prestes a explodir nas redondezas das grandes cidades. A revolta manifestada pode ser um sinal de radicalização crescente do ânimo dos trabalhadores, e não só dos imigrantes.

Na charge, o ministro do Interior Nicolas Sarkozy diz: "Funciona multíssimo bem este meu novo Kärcher". A frase faz referência à declaração dada por Sarkozy no início da rebelião, quando ele afirmou que iria "limpar a gentalha das ruas com um Kärcher" – marca de um tipo de lança-jato utilizado para limpar ruas e sarjetas.

UMA NOVA SITUAÇÃO POLÍTICA

A revolta francesa é uma demonstração da desestabilização progressiva de um dos principais países europeus. Mesmo que a revolta seja sufocada agora, a radicalização só tende a aumentar.

Este processo de radicalização não começou agora. Em maio deste ano, o mundo se surpreendeu com o NÃO majoritário no plebiscito sobre a Constituição Européia. Naquele momento, os principais partidos (dos partidos tradicionais de direita até os socialistas) e a maioria absoluta da intelectualidade e dos dirigentes sindicais defenderam o SIM, mas as massas votaram NÃO. Com isso, colocaram em crise todo o projeto imperialista europeu, por se tratar da Constituição que define a União Européia.

Em julho passado, ocorreu uma greve-geral de um dia no país, acompanhada de atos que aglutinaram um milhão de trabalhadores nas ruas, contra o plano econômico neoliberal do governo Villepin.

CRISE E POLARÍZAÇÃO CRESCENTES

Agora, mesmo com a resistência da direção da CGT, que não queria de forma alguma jogar lenha na fogueira da crise atual, está marcada uma greve ferroviária, para o dia 21 de novembro, que pode ter grande importância.

A combinação entre uma economia estagnada, o aumento das lutas dos trabalhadores e as crises políticas dos governos está mudando a situação européia. As grandes mobilizações contra a guerra do Iraque em 2004 seguiram com lutas dos trabalhadores contra os planos neoliberais dos governos. Existem mobilizações metalúrgicas na Alemanha contra o plano de reconversão da indústria, assim como crises políticas seguidas do governo Berlusconi na Itália. Evidentemente existem muitas desigualdades de país para país, assim como a situação de toda a Europa ainda é bem mais estável que a América Latina.

Mas a situação européia é parte de uma mudança política mundial, diferente do que existia na década passada, em que imperava a ofensiva do imperialismo e sucessivas derrotas dos trabalhadores. Existe uma crise crescente do imperialismo, polarização social e política cada vez maior em todo o mundo, que atinge também a Europa. Isso acontece também nos EUA, onde a crise do governo Bush toma proporções crescentes.

OS MÉTODOS DE LUTA DA REBELIÃO E A FALÊNCIA DA ESQUERDA

Os jovens em rebelião queimaram milhares de carros e dezenas de prédios públicos. Isso foi utilizado pela direita para identificar o conflito como um "problema policial" e impor a repressão. A esquerda tampouco saiu em defesa clara dos manifestantes, o que demonstra a sua própria falência.

Os métodos dos jovens não são realmente os melhores: muitos dos carros queimados são de trabalhadores, as escolas serviam aos filhos de operários como eles. Essas ações terminam por dividir os próprios trabalhadores. Mas é preciso explicar por que eles usam esses métodos e não outros. E a explicação está na própria esquerda francesa que, mais uma vez, pecou pela impotência completa.

O PS e o PC franceses são cúmplices dos resultados sociais dos planos neoliberais. O Partido Socialista Francês foi responsável, com o governo Mitterrand, pela implementação de boa parte do plano neoliberal no país. O socialista Lionel Jospin estava à frente do governo anterior e foi violentamente derrotado pela direita nas últimas eleições em 2002, não chegando sequer ao segundo turno, exatamente por seguir aplicando o plano neoliberal.

O PC, que dirige a CGT, nunca teve uma política de enfrentamento com os planos econômicos da burguesia. Menos ainda em defesa dos setores mais explorados, como os imigrantes. Ao contrário, manteve sempre uma postura distante, muitas vezes cúmplice do discurso da direita, em "defesa dos trabalhadores franceses", dos brancos da aristocracia operária. Nesta crise, tanto o PS como o PC se mantiveram distantes, com uma resposta tardia e reformista em defesa da "paz social".

LONGE DOS EXPLORADOS

A esquerda trotskista na França teria possibilidades de ter um papel distinto entre os imigrantes, por ter um peso político nada marginal. Nas eleições de 2002, a LCR (Liga Comunista Revolucionária) e a LO (Lutte Ouvrière) tiveram, juntas, 10,2% dos votos, superando pela primeira vez o PC, que teve 3,4% dos votos.

O resultado foi uma expressão eleitoral de um processo profundo de crise do reformismo, que poderia ser utilizado para um avanço no terreno das lutas diretas dos trabalhadores e da juventude, para organizar uma direção revolucionária com influência de massas. Infelizmente isso não ocorreu e essa influência tem retrocedido, até mesmo eleitoralmente, como se viu nas eleições de 2004 (juntas, essas organizações tiveram 4,58% dos votos).

O que mais importa não são os votos, mas a resposta concreta na luta de classes. Mais uma vez, os acontecimentos das últimas semanas demonstraram que essa esquerda está longe dos setores mais explorados. A LO não deu nenhuma resposta concreta e ainda fez um comunicado, com um título bem significativo: "A esperança não está nem na violência estéril, nem na resignação". Já a LCR tardou 17 dias para chamar uma mobilização, com 500 pessoas, no centro de Paris (bem distante dos locais dos acontecimentos), protestando unicamente contra as leis de repressão.

Sem perspectivas sociais nem organização política, as ações dos jovens lembram as dos operários, que, no início do capitalismo, quebravam as máquinas das indústrias (ludismo), as quais atribuíam o desemprego. Seria um erro grosseiro, típico do reformismo, julgar esse movimento pelos métodos, e não pelo processo social que expressa. O que deve ser julgado, e severamente, é a impotência da maioria da esquerda francesa.

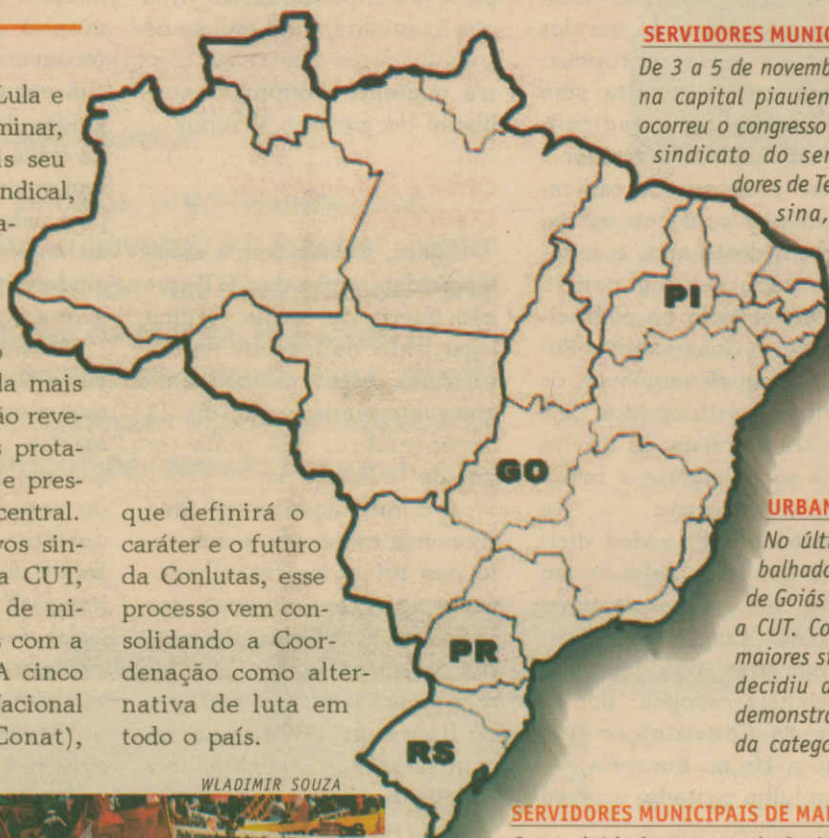
Como contraponto, podemos destacar a atitude do Grupo Socialista Internacionalista *(GSI, seção da LIT) e da* Fração Pública de Lutte Ouvrière, *que tiveram uma postura distinta.* *(veja na página 3).*

NOVAS RUPTURAS COM A CUT

SINDICATOS DESFILIAM-SE da central governista e impulsionam construção de uma alternativa

Da redação

A crise do governo Lula e do PT está longe de terminar, desgastando ainda mais seu braço no movimento sindical, a Central Única dos Trabalhadores. A crise da CUT, desencadeada por seu apoio incondicional ao governo neoliberal do PT, aprofundou-se ainda mais com a onda de corrupção revelada em Brasília, cujos protagonistas alçaram fama e prestígio nos gabinetes da central.

A cada semana novos sindicatos desfiliam-se da CUT, expressando a ruptura de milhares de trabalhadores com a central chapa-branca. A cinco meses do Congresso Nacional dos Trabalhadores (Conat), que definirá o caráter e o futuro da Conlutas, esse processo vem consolidando a Coordenação como alternativa de luta em todo o país.

SERVIDORES MUNICIPAIS DE TERESINA

*De 3 a 5 de novembro, na capital piauiense, ocorreu o congresso do sindicato dos servidores de Teresina, o Sindserm. O principal debate foi em torno da desfiliação da CUT. Os militantes do **PSTU** apresentaram uma tese defendendo a imediata ruptura com a central, rumo à construção de uma alternativa. O PT e o PCdoB, por sua vez, tentaram convencer os trabalhadores da possibilidade de alterar os rumos da CUT. No entanto, a desfiliação foi aprovada pela grande maioria dos 270 delegados. A proposta de permanência na CUT obteve apenas dois votos, menos que as abstenções, que somaram seis votos.*

URBANITÁRIOS DE GOIÁS

No último 8 de novembro, o Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Urbanitárias do Estado de Goiás (Stiueg) decidiu em assembléia romper com a CUT. Com 5 mil trabalhadores na base é um dos maiores sindicatos do estado de Goiás.A votação que decidiu a desfiliação do sindicato foi unânime, demonstrando o enorme desgaste da central na base da categoria.

SERVIDORES MUNICIPAIS DE MARINGÁ

Outra vitória importante da Conlutas ocorreu no Paraná, onde a chapa apoiada pela Coordenação venceu as eleições do Sindicato de Servidores Públicos de Maringá. A chapa da Conlutas conquistou 888 votos, e a segunda colocada obteve 561. A campanha vitoriosa aconteceu em torno da necessidade de rompimento com a CUT e a construção de uma alternativa de luta.

SINDPPD DO RIO GRANDE DO SUL

No último 9 de novembro, o Sindicato dos Trabalhadores em Processamento de Dados do Rio Grande do Sul (Sindppd/RS) também definiu em assembléia sua desfiliação da CUT e a participação do sindicato nas atividades promovidas pela Conlutas. A aprovação deu-se com 87 votos, contra 53. Este foi o segundo sindicato do estado a se desfiliar da central (o primeiro foi o Sindijus, dos trabalhadores do Judiciário estadual).

WLADIMIR SOUZA

Ato de 16 de junho de 2004, em Brasília

ENCONTROS ESTADUAIS AVANÇAM A DISCUSSÃO PARA O CONAT

De 28 de abril a 1º de maio de 2006, será realizado, na capital paulista, o Congresso Nacional dos Trabalhadores (Conat). O evento histórico deverá fundar uma nova entidade que unifica como instrumento de luta dos setores oprimidos e os vários movimentos sociais que representam os setores explorados e oprimidos da sociedade. Já estão ocorrendo os primeiros encontros estaduais que preparam as discussões e a organização do Conat.

RIO GRANDE DO SUL

O Encontro ocorre no dia 19 de novembro, no salão da Igreja Pompéia. A pauta inclui conjuntura, preparação do Conat e organização da Conlutas no estado. A previsão é que 200 pessoas participem, entre representantes de sindicatos, como dos Correios, Judiciário estadual, trabalhadores em processamento de dados, comerciários de Passo Fundo e Santa Cruz. Participarão também várias oposições, como a dos professores estaduais ("Oposição para mudar o CPERS").

RIO GRANDE DO NORTE

O encontro ocorrerá no próximo dia 26 de novembro. *"Estamos conversando também com diversos sindicatos"*, afirma Rosália Fernandes, diretora do Sindsaúde (Sindicato dos Trabalhadores da Saúde do Estado). Entidades de peso da região devem participar do encontro, como o Sintsef-RN (sindicato que reúne os servidores federais do estado), Unafisco (servidores do Fisco), o sindicato dos servidores da Previdência (Sindifisp/RN), além do próprio Sindsaúde.

A Coordenação Nacional de Lutas no estado está se reunindo com diversas oposições sindicais, como a oposição à direção do sindicato dos trabalhadores em educação do estado, os integrantes da oposição do Sindicato dos Rodoviários, dos servidores municipais de Natal, além da oposição petroleira e bancária.

MINAS GERAIS AVANÇA NA ORGANIZAÇÃO

O principal impulsionador da Conlutas no país prepara um grande encontro estadual. Hoje, a Coordenação no estado chega a superar a CUT, tendo um importante papel a cumprir no Conat. O Encontro mineiro ocorre nos dias 3 e 4 de dezembro, em Sarzedo, e deve reunir algo em torno de 400 delegados. O critério estabelecido pela Conlutas para as eleições dos delegados foi a de 5 representantes por entidade e 1 para cada mil trabalhadores (ou estudantes). É o primeiro encontro da Conlutas a se reunir com o critério de delegados, o que reflete um estágio mais avançado da organização da Conlutas em Minas.

A Coordenação imprimiu 100 mil jornais para convocar o encontro e subsidiar a discussão na base sobre a importância da organização de uma nova entidade que aglutine os setores explorados e oprimidos. *"A discussão está avançando na base e estamos realizando reuniões e encontros em todas as regiões do estado"*, afirma Boaventura Mendes, presidente do Sindicato dos Trabalhadores em Estabelecimentos e Serviços de Saúde de Belo Horizonte.

Boaventura calcula que o encontro reunirá cerca de 60 entidades e mais de 20 oposições, além de movimentos sociais, como o MTL (Movimento Terra, Trabalho e Liberdade). O encontro discutirá conjuntura nacional e internacional, concepção de entidade, estatuto, além de avançar na organização da Conlutas no estado.

CONLUTAS CONVOCA MOBILIZAÇÃO EM DEFESA DOS CORREIOS

EZEQUIEL FILHO, de São Paulo (SP)

Em agosto, empresas nacionais e estrangeiras de distribuição e transporte entraram na Justiça contra o monopólio postal dos Correios. Trata-se de mais uma ação de rapina do imperialismo e das multinacionais do setor e empresas brasileiras que, como sócias menores das multinacionais, servem de testa-de-ferro das empresas que monopolizam o setor no mundo.

O imperialismo está de olho em um setor que movimenta US$ 200 bilhões no mundo todo, com um crescimento estimado em 5%. Cerca de 95% desse serviço no planeta é estatal. No Brasil, o mercado postal lucra mais de R$ 8 bilhões, e alcança 86% da população em 40 milhões de domicílios com presença em todos os municípios do país.

A mobilização dos trabalhadores impediu até agora a quebra do monopólio postal e a privatização dos Correios. Lula, quando candidato, comprometeu-se a defender o monopólio. No entanto, seu governo continua aplicando as mesmas políticas neoliberais. As terceirizações e concessões ampliaram-se e a direção da empresa incorporou mais de 200 ex-dirigentes da CUT.

No dia 17 de novembro, o Supremo Tribunal Federal vai retomar a votação sobre a quebra do monopólio. A Conlutas, por meio do Movimento Nacional de Oposição à CUT e à direção da Fentect (Federação Nacional dos Correios), luta contra o fim dos Correios estatal.

Nesse sentido, a Coordenação Nacional de Lutas convoca todas as entidades e ativistas de luta para as mobilizações contra a quebra do monopólio postal e a encaminharem moção ao presidente do STF, Ministro Nelson Jobim, exigindo que o tribunal mantenha o monopólio estatal do setor postal no Brasil.

Correspondências para
Ministro Nelson Jobim
Secretaria Geral da Presidência
Leda Marlene Bandeira
(ladam@stf.gov.br)
Telefone: 3217-4360 / 3217-4341 / 3217-4344
Endereço: *Praça dos 3 Poderes, Brasília – DF – 70175-900*
Cópias para *a CONLUTAS*
secretaria@conlutas.org.br
Telefone: (11)3107-7984
Rua Silveira Martins,46
Sé – São Paulo – 01019-000

O MURO DE BERLIM E O "APARTIDARISMO"

Em 1989, cai o muro de Berlim. O imperialismo utilizou-se desse fato para desencadear uma enorme ofensiva ideológica em todo o mundo. Começou a se falar em "morte do socialismo", "fim da luta de classes", "fim da História". Para uma parte importante da esquerda, era como se o muro de Berlim tivesse caído sobre suas cabeças. Desiludidas com o "socialismo real", essas organizações absorveram os argumentos do imperialismo e aos poucos foram abandonando a luta social para adotar, cada vez mais, uma estratégia puramente eleitoral. Todos repetiam em coro: "o stalinismo é a continuação do leninismo", "é preciso repensar a esquerda" etc.

Com isso, essa esquerda, antes revolucionária e marxista, se tornou de fato muito parecida com os partidos burgueses, já desgastados perante as massas pela corrupção e roubalheira em que sempre estiveram envolvidos.

As organizações de esquerda foram vítimas de um vendaval oportunista que correu o mundo a partir do início dos anos 90 e adaptaram-se ao recuo na consciência das massas, negando suas próprias bases e passando a defender bandeiras que levaram à sua crise. Assim, perdeu-se a tradição da atuação em partidos de esquerda no movimento estudantil.

O P-SOL: "APARTIDARISMO" E ELEITORALISMO

Com a virada do milênio, inicia-se um processo de retomada das lutas no mundo inteiro: Equador, Palestina, Argentina, Bolívia, Venezuela, Iraque. As massas saem às ruas novamente e protagonizam processos revolucionários nesses e em outros países.

Infelizmente, a esquerda mundial não conseguiu relocalizar-se no novo momento e mesmo as novas organizações que surgem, já carregam os velhos vícios dos anos 90. Um exemplo disso é o P-SOL.

O P-SOL é um dos maiores defensores do "apartidarismo" no movimento estudantil. Juram de pés juntos que sua atuação nas entidades nada tem a ver com sua filiação partidária. Olhando superficialmente, até parece assim, mas não é. O P-SOL é um partido de tendências, em que cada corrente interna pode defender a sua política no movimento sem consultar os organismos do partido. Assim, os militantes do P-SOL diversas vezes atuam de forma distinta uns dos outros, passando uma falsa idéia de "atuação independente" no movimento. Nada mais falso.

O que unifica o P-SOL no movimento estudantil é sua estratégia de salvar a UNE e manter seu cargo na diretoria executiva da entidade, cargo esse, diga-se de passagem, conseguido pela concessão feita pelo PCdoB no último CONUNE. Por isso, o P-SOL é um dos maiores inimigos da ruptura com a UNE. Também por isso o P-SOL é forçado a combater o **PSTU**, que defende a ruptura com a UNE e a construção de uma nova alternativa de direção para o movimento estudantil: a CONLUTE. Assim, quando o P-SOL denuncia o "aparelhismo" e o "rupturismo" do **PSTU**, se aproxima do PCdoB, de cujas mãos recebeu o cargo na executiva da UNE, e se coloca a serviço de sua política, política essa, naturalmente, "apartidária".

Mais do que isso: ao defender a "independência" do movimento com relação aos partidos, o P-SOL deixa sem resposta a seguinte pergunta: Se a tarefa de um partido de esquerda não é atuar de forma organizada nos movimentos sociais, então qual é? Acaso seria pedir votos nas eleições? Aí poderíamos ter uma atuação franca e aberta como partido político? Aí poderíamos declarar abertamente que somos "partidários"? Como se vê, por detrás do discurso "amplo e democrático" que tem o P-SOL, esconde-se uma concepção eleitoralista e reformista. Para o P-SOL, partido é para disputar eleições. Nada mais.

O ANARQUISMO: AUTORITARISMO E PARALISIA NO MOVIMENTO ESTUDANTIL

O discurso "apartidário" tem ajudado os setores ligados ao anarquismo a se fortalecer em algumas entidades. Infelizmente esse novo anarquismo não tem relação com a honrada tradição anarquista do início do século XX. O novo anarquismo é burocrático e autoritário no trato com as entidades. Não raros são os casos de aliança desses setores com a direita "apartidária" ou mesmo com as reitorias para combater "os partidos". Nas passeatas e atos, em vez do enfrentamento com a polícia, alguns setores anarquistas preferem o enfrentamento com os ativistas que carregam bandeiras de partidos. A "autogestão", ou seja, a ausência de uma diretoria eleita, implementada é um desastre: tem levado, na prática, à ditadura anarquista, à paralisia das entidades e à desmoralização completa. Cada ano de autogestão é um ano de caos e inoperância no movimento e prepara a retomada das entidades pela direita reacionária.

Faixa da Frente Revolucionária, no Fora Collor, no Rio de Janeiro

SE a tarefa de um partido de esquerda não é atuar de forma organizada nos movimentos sociais, então qual é? Acaso seria pedir votos nas eleições?

A VERDADEIRA RELAÇÃO PARTIDO–MOVIMENTO

A relação aparelhista que o PCdoB estabeleceu com a UNE e com a UBES traumatizou toda uma geração que hoje nega qualquer organização partidária. No entanto, essa deformação criada pelo stalinismo não deve nos desviar de uma concepção marxista de atuação nas entidades.

Se a atuação "independente" no movimento é uma bandeira tão ampla e democrática, por que quase não vemos entidades que não sejam, em maior ou menos grau, influenciadas por partidos? Por que os chamados "independentes" sempre acabam se alinhando com uma ou outra organização política para defender suas posições? Por que os CAs e grêmios, em cujo seio não há nenhuma disputa política, são, em geral, os mais despolitizados e mais atrelados às direções das escolas e faculdades?

Isso se dá porque a luta no movimento leva naturalmente ao enfileiramento por posições políticas. É por isso que existem "grupos de independentes", "correntes de independentes" (chegaremos a ver "partidos de independentes"?). A organização política é natural, progressiva e inevitável.

A esse respeito, Trotsky escrevia em 1929: *"O Partido Comunista (...) diz claramente à classe operária: eis meu programa, minhas táticas e minha política. É o que proponho aos sindicatos. O proletariado não deve acreditar às cegas em nada. Deve julgar cada partido e cada organização por seu trabalho. Os operários devem desconfiar duplamente dos aspirantes a dirigentes que atuam disfarçadamente, pretendendo lhes fazer acreditar que não necessitam de nenhuma direção".*

Assim, os militantes do **PSTU** continuarão erguendo suas bandeiras, defendendo de forma clara sua política e disputando a direção das entidades com o programa que julgamos correto. Nesse marco, sempre que possível, marcharemos juntos com organizações, partidos e ativistas independentes de esquerda.

A atuação no movimento para nós não é uma mera tática, como querem fazer parecer nossos adversários. É parte fundamental de nossa estratégia: a mobilização permanente das massas e a construção de uma ferramenta revolucionária. Mas nosso objetivo final não se resume à atuação no movimento estudantil e sindical, por maior que seja sua importância. Somos socialistas e revolucionários. Nosso fim é a libertação completa da humanidade do jugo do capitalismo, a construção do comunismo no mundo inteiro. Esse é nosso "interesse político-partidário" e somos orgulhosos dele.

ZUMBI E JOÃO CÂNDIDO: LIÇÕES DE RAÇA E CLASSE

WILSON H. DA SILVA, Secretaria de Negros e Negras do PSTU

Desde o fim dos anos 70, novembro transformou-se em "Mês da Consciência Negra", em homenagem a Zumbi dos Palmares, assassinado em 20 de novembro de 1695, e João Cândido, dirigente da Revolta da Chibata, iniciada em 22 de novembro de 1910.

Tomados como contraponto ao discurso que impunha o "13 de Maio" como dia para a celebração da liberdade "bondosamente" concedida pela princesa Isabel, ambos são muito mais do que "heróis": são protagonistas de histórias que nos ensinam que o único caminho para a verdadeira liberdade é a luta.

DUAS ÉPOCAS, UM MESMO INIMIGO

Zumbi tornou-se dirigente de Palmares ao questionar, em 1678, a liderança de Ganga Zumba, que, seduzido por um "acordo de paz", aceitou transferir os quilombolas para uma espécie de "reserva", onde eles teriam que viver sob vigilância.

A resistência de Zumbi a esse engodo é exemplar. Desde muito cedo, negros e negras perceberam que, para se livrar da escravidão, não seria preciso apenas se libertar das correntes; era necessário, também, construir um novo tipo de sociedade.

Palmares significava esse desafio não só por organizar-se como uma República dentro de uma sociedade colonial, mas também por questionar as próprias bases do sistema. É isso que fica evidente no relato do português Manuel Inojosa, em 1677: *"Entre eles tudo é de todos e nada é de ninguém, pois os frutos do que plantam e colhem ou fabricam nas suas tendas são obrigados a depositar às mãos de um conselho, que reparte a cada um quando requer seu sustento".*

Foi isso que motivou as dezenas de investidas militares contra o quilombo – que também abrigava judeus, índios, brancos pobres e gente perseguida pelos colonizadores – até sua completa destruição, pelo sanguinário bandeirante Domingos Jorge Velho, em 1694.

Palmares, contudo, em vez de representar a história de uma derrota, é, até hoje, um exemplo da importância da luta. Uma lembrança que alimentou os sonhos de João Cândido, o "Almirante Negro", e o cerca de dois mil marinheiros (negros, na maioria) em 1910, na Revolta da Chibata.

Há 95 anos, dispostos a pôr um fim aos maltratos e castigos, os marinheiros tomaram dois navios de guerra, eliminaram seus oficiais e voltaram seus canhões contra a sede do governo federal, então o Rio de Janeiro.

Vitoriosos contra a chibata, os marinheiros, infelizmente, também foram vítimas de "acordos" fraudulentos. Depois de "anistiados", dezenas foram presos e centenas foram deportados e mortos na Selva Amazônica.

Essas são duas histórias que servem como exemplos de que o combate ao racismo, para ser vitorioso, tem que se dar contra o sistema que dele se beneficia. Uma luta que, também, só pode ser travada em unidade com os demais oprimidos e explorados pela sociedade.

São lições que hoje continuam válidas, quando as amarras que nos prendem são as do capital e o que nos vitima é a exploração.

Lições que, lamentavelmente, têm sido abandonadas pela maioria do movimento negro, mas que, para nós, Negros e Negras do **PSTU**, têm que ser resgatadas diariamente e são a única forma de prestar a devida homenagem a Zumbi e a João Cândido.

DUAS MARCHAS, UM MESMO ERRO

Nos dias 16 e 22 de novembro, irão ocorrer duas marchas do movimento negro a Brasília. A Secretaria de Negros e Negras do **PSTU** não estará presente em nenhum desses eventos e isso merece uma explicação.

Os dois "atos" são chamados de Marcha Zumbi + 10 (uma referência ao ato que reuniu 20 mil pessoas, na Capital Federal, em 1995), mas ambos incorrem no mesmo erro: querer transformar um dia de luta numa "festa" para celebrar as pífias medidas adotadas por Lula em relação à questão racial.

Desde as primeiras reuniões de organização da Marcha, o caráter governista do evento foi questionado por inúmeras entidades, inclusive por nós do **PSTU**. A existência de dois atos não foi motivada por isso e, sim, por questões burocráticas.

No dia 16, tendo à frente o senador petista Paulo Paim, algumas das principais ONG's negras – como o Geledés, o Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades (CEERT) –, com o apoio de vários governos municipais e estaduais, irão a Brasília para entregar "uma pauta de reivindicações" ao governo e ao Congresso. Na verdade, pretendem transformar o ato numa grande festa para comemorar a aprovação do Estatuto da Igualdade Racial, proposto por Paim e aprovado em uma comissão do Senado, no último dia 9.

No dia 22, será a vez da CUT, da UNE, do Conselho Nacional de Entidades Negras (dirigido pelo PT), da Unegro (PCdoB) e de setores do Movimento Negro Unificado (MNU) confraternizarem-se com a Secretaria Especial de Políticas para Promoção da Igualdade Racial (o Seppir). Contando com apoio da direção do PT, o ato tende a ser outra grande festa, com a participação de membros do corrupto governo Lula.

Sabemos que é muito provável que negros e negras que se opõem ao governo, desavisados do real caráter das Marchas, participem delas. Contudo, é importante que estes setores saibam que não terão sequer o espaço democrático para expressar suas posições, algo que já ficou evidente nas reuniões preparatórias.

Por essas e outras, consideramos um erro engrossar as fileiras de atos que têm como principal objetivo legitimar uma farsa: a de que o governo tem feito alguma coisa no real combate ao racismo.

Muito pelo contrário, Lula não é nosso aliado nesta luta. Sob o governo petista, negros e negras continuam recebendo os piores salários, são a maioria dos analfabetos, dos desempregados e dos "sem-carteira", daqueles que moram em condições de risco e não têm acesso à saúde digna.

Por mais que alardeie, a existência do Seppir ou a realização de uma Conferência Nacional, a verdade sobre esse governo é que ele contribui para o aumento do abismo racial no país ao aplicar medidas neoliberais que aprofundam a miséria dos trabalhadores, afetando particularmente aqueles que foram historicamente marginalizados.

Por mais que fale em igualdade racial, Lula e seus capachos promovem a desigualdade ao desviarem verbas para seus bolsos e para o FMI, para o grande empresariado e os banqueiros.

Lula, seu governo e aliados pisoteiam a História de nosso povo ao promover a entrega do quilombo de Alcântara aos estrangeiros e ao ocupar o Haiti, símbolo da luta do povo negro contra os sistemas opressores.

Por isso, não temos nada a comemorar. Muito menos ao lado de representantes deste governo. Com eles, não há "acordo" possível.

Faremos, sim, homenagens a Zumbi e a João Cândido, mas nos marcos das lições deixadas por eles: na luta contra o sistema e todos aqueles que se beneficiam dele.

WWW.PSTU.ORG.BR

*Para saber mais sobre as história de Palmares e da Revolta da Chibata, acesse a página da Secretaria de Negros e Negras, no site do **PSTU**, onde você também encontrará o boletim "Raça e Classe", especial para o 20 de novembro.*